

Querido diário,

Textos escritos por Francilene Monteiro da Silva, Sônia Silva e Tamira Pimenta



Tamira Pimenta

Parada em frente a janela daquela casa carregada de memórias, fosforesciam dentro de mim opacos silêncios e sentimentos que pairavam na obscuridade do que não foi vivido.

Pausa.

Fecho os olhos na tentativa de fuga.

Observo o teto, já não sou mais a menina de cinco anos que corria pela casa sem preocupações de um novo dia, agora tenho trinta e cinco e o cansaço é notório nas olheiras que salientam a minha constante insônia.

Aquela cadeira agora vazia em frente a janela aberta parece um quadro que respinga solidão. A caatinga seca, o sol intenso e o céu de azul vívido, apresentam a beleza do sertão nordestino. Meu avô, um homem de altura mediana, olhos negros, branco, carregava histórias doloridas que contavam a sobrevivência diária.

Se sentava ali com uma xícara de café, era o seu lugar preferido. Naquela casa simples rodeada de filhos e netos, não tinha muito o que esperar além da chuva para uma boa plantação que garantisse um ano longe da fome.

Minha avó Chiquinha, sempre de semblante fechado em volta do fogão ou cuidando de alguma solicitação dos filhos. Sentava apenas para fazer as refeições ou rezar o rosário antes de dormir. Em meio a toda aquela simplicidade, sua vaidade estava nos vestidos com estampas vivas de flores e nos lenços de cores neutras que usava na cabeça escondendo os cabelos que já começavam a embranquecer. Na orelha carregava um brinco pequeno que havia ganhado de uma prima que vivia no Rio de Janeiro, quando passou por ali de visita.

Agora rememorando minha avó naquela casa penso em felicidade ou infelicidade, é uma provocação que dói.

Mistério.

Contemplo o espaço e sorratamente escuto as vozes, já distantes, sumindo. Agora tudo não passa de lembranças. Estou tentando fotografar o cheiro, o som, as sensações de estar ali. O meu



vestido largo de cores vívidas com o qual eu corria deu lugar ao jeans desbotado e a camiseta usada tantas vezes, sem cor como a vida que agora tomava conta daquele lugar.

*



Francilene Monteiro da Silva

11 de março de 2011.

Estou na bagunça do meu quarto, roupas por cima da cama e pelo chão; estou preocupada. O dia é curto e tenho muitos afazeres.

São sete horas da manhã e tenho o intuito de ir ao centro da cidade com minha mãe. Vamos tirar fotocópias de alguns documentos importantes porque fui aprovada no vestibular para ingressar na UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), e assim estou orgulhosa de mim mesma, tal como minha mãe.

Em frente ao espelho, não consigo decidir com qual roupa irei. Talvez uma roupa formal. Ou não! Por fim, visto o jeans e a camiseta. O tempo está um pouco frio, então, coloco uma blusa de moletom por cima da camiseta. O moletom tem o desenho de um *Anime*, não sei dizer qual porque só comprei a blusa por achar o desenho bonito. Visto minha calça jeans e calço meu tênis All-star vermelho, penteio os cabelos, passo alguns cremes e um produto para retirar o frizz dos meus cachos (somente quem tem cabelos cacheados sabe como é trabalhoso arrumá-los!). Amarro-os pela metade com uma “xuxinha” preta, deixando-os com uma parte presa e a outra solta.

Diante do espelho faço uma leve maquiagem: uso uma base da cor da minha pele, um blush vermelho claro e, na boca, um batom vermelho. Pronto, perfeito! Estou preparada para tirar uma daquelas fotos três por quatro, aquele tipo de foto que todo mundo acha feia, onde somos obrigados a ficar estáticos e com uma expressão mais séria; porque, talvez, os documentos requerem que sejamos menos sorridentes.

Não que eu seja contra as fotos três por quatro, mas elas nos obrigam a sermos mais sisudos, uma vez que precisamos mostrar seriedade. E esse tipo de foto nos obriga a parecer meras estátuas olhando para o nada.

De repente, ouço a voz da minha mãe, do outro lado da porta, avisando que o dia só tem 24 horas e precisamos ir.



Sáimos de casa e fomos em direção ao centro da cidade, já eram oito e meia da manhã, mas não fazia sol. O tempo estava totalmente nublado.

Chegando ao centro da cidade, entramos numa loja de artigos musicais: CD's, Dvd's, violão, guitarra, etc., e fomos em direção ao fundo da loja onde estava escrito: "Tire aqui sua foto três por quatro". Entro numa cabine e sento numa cadeira alta, preta e sem encosto, e logo percebo que atrás de mim há uma parede branca. A moça, muito simpática e com uma câmera digital na mão disse para eu não me mexer. Obedeci e fiquei sentada, imóvel! A moça pede para eu levantar um pouco a cabeça, e novamente obedeco. "Agora, olhe para a luz da câmera" – disse a moça com um sorriso simpático. É nesse momento que não hesito, e ao contrário de fazer uma pose séria e sisuda, abro um belo sorriso. Pronto, tenho agora a foto perfeita!

Alguns minutos depois, escuto um "bipe" no meu celular, é a minha amiga avisando o quanto estamos atrasadas para a conferência que vamos ministrar. E eu aqui, sentada, entretida em meus pensamentos, contemplando essa foto três por quatro de onze anos atrás.

*



Sônia Silva

São Paulo, 11 de junho de 2022

(manhã de sábado)

Querido diário,

Quase sempre o meu corpo é tomado pelo cansaço. Uma imensa fadiga me satura por completo. Tenho poucas horas para dormir por conta dos afazeres do dia a dia. É uma correria alucinante! Preciso de muito “gás” para resistir às cobranças diárias requeridas de quem cumpre com as suas responsabilidades pessoal e profissional.

Minhas olheiras são profundas, meu rosto perde o seu viço natural e a vontade de calar-me é cada vez mais frequente. Necessito de alguns momentos de silêncio para recompor ideias e energias. E, assim, pensar em um belo visual – fazer uma boa maquiagem a alegrar a expressão do meu rosto, como também escolher uma bela vestimenta a tornar-me mais jovem e elegante – para, talvez quem sabe, fazer um passeio no meio da semana pelas ruas paulistanas ou pelos corredores dos shoppings ou, então, comprar um ingresso para uma sessão de cinema.

Sinto, nesta manhã de sábado, uma tremenda dor de cabeça, impulsionando-me a tomar de imediato os meus rotineiros analgésicos contra esse incômodo que me assola desde sempre. Meu olhar expressa, claramente, exaustão física e mental, das quais procuro me libertar ao buscar distrações em meu recôndito doméstico, assistindo a séries que me fazem relaxar. Pois, sempre há uma série nova ou antiga a devolver-me a graça de recomeçar a semana com boa disposição. Acredito que essa seja a melhor opção para sanar em parte a minha rotina exaustiva.

Hoje, início da semana, é segunda-feira: 20 de junho de 2022, na qual há um lindo sol de inverno. Aqui estou a enfrentar mais uma daquelas semanas de árduas obrigações diárias, mas que, por sua vez, me trazem uma imensa sensação de dignidade. Sou um ser humano que cumpre com maestria os seus compromissos habituais (impostos pela vida!), a serem vivenciados por mim ou por qualquer



outro mortal, e que também consegue dispor de um certo “tempinho” para investir na própria aparência.

Acredito que cada dia vivido nos espera para ser o que dele quisermos transformá-lo. Assim, coloco um sorriso irradiante no rosto, expresso pelo carmin em meus lábios (minha marca pessoal!), a tornar-me, então, na escultora que possa dar forma aos dias com os quais me deparo.

Visto minha roupa social apostando na escolha de cores, como o pretinho básico, o vermelho, ou até a cor azul para terninhos ou vestidos mais apropriados a combinar com uma bolsa não muito grande e de acordo com o momento requerido; para o calçado, opto pelo uso dos scarpins básicos e bem versáteis para qualquer look do dia, de forma despojada para as minhas idas ao trabalho como, após a labuta, para o teatro, a um restaurante ou fast food; ou ocasiões mais descontraídas, como encontros com os amigos, familiares etc. (trajes bem apropriados para as 24 horas do dia!).

Penteio minhas longas e lisas madeixas escuras, escolho um par de brincos discretos, uso um rímel modelador de cílios e um blush para avivar o meu semblante; além de fazer uso, obviamente, dos meus cremes hidratantes corporal-facial da L’Oréal e de um leve perfume com fragrâncias florais à base de flores brancas, como a gardênia e a magnólia, por conta desse maravilhoso inverno que tanto amo.

*

